

Notas e informações

A economia e os fortes

B. R. M.

Para Napoleão, a Intendência era a alma dos exércitos. Pouco relevo se tem dado a essa idéia, mais importante para a evolução da arte da guerra do que o conceito clássico da "batalha napoleônica", que implica o aniquilamento e a perseguição do adversário.

O ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, aprendeu a lição do grande corso e cuidou de convidar o ministro da Fazenda para explicar aos oficiais-generais que compõem o Estado-Maior do Exército a política econômica do governo a que ambos servem com igual desvelo. No que diz respeito à tropa, a explicação do ministro Mafson da Nóbrega se revestia da maior importância por vários motivos: o combate ao déficit público impôs cortes significativos na execução do programa conhecido como F.T-90 (que traria a modernização do equipamento do Exército, a par de melhorar sua eficiência), além de haver reduzido uma série de despesas de investimento. Por outro lado, agregando-se a esse motivo o combate à inflação, congelou-se o pagamento da URP durante os meses de abril e maio para todos os integrantes das Forças Armadas — dos ministros aos cabos —, o que trouxe evidente angústia à tropa. Por isso, era importante não só para o general Leônidas, mas para toda a hierarquia, saber de viva voz do ministro da Fazenda quando a inflação irá começar a ceder e quando será possível atender aos reclamos que vêm de baixo.

Há dias, comentando a crise, fazíamos menção ao fato de, na linha hierárquica, cada superior se ver na obrigação de lembrar aos subordinados que a carreira das Armas corresponde àquilo que Vigny chamou acertadamente: "Grandeza e servidão". O ministro Leônidas sabe que existem os que não pensam como o escritor francês, nem como a maioria de seus oficiais; ainda não se apagaram da memória coletiva as provocações de alguns capitães em favor de melhores salários, nem a pequena, mas significativa, manifestação de esposas de sargentos, reclamando melhor soldo para seus maridos. Napoleão, em algumas campanhas, quando a Intendên-

cia não conseguia suprir as necessidades de seus exércitos, era forçado a consentir que eles vivessem dos territórios ocupados. O general Leônidas conhece os riscos que representa essa volta às concepções administrativo-militares do século XVII. Por isso, preferiu, delicadamente, convidar o ministro Mafson para falar sobre a política econômico-financeira do governo.

Compreendemos, pois, os motivos do chefe da força de terra; questionamos é a maneira como, no Ministério Sarney, se conduz a política econômica. Se o convite ao ministro Mafson não tivesse sido formulado antes de irromper a crise entre o sr. Antônio Carlos Magalhães e o titular da Fazenda, o almoço-exposição poderia prestar-se a dupla interpretação: ou Mafson teria ido buscar apoio no Forte Apache, ou o general Leônidas teria tido a intenção de dar mais amplitude aos esforços do seu colega das Comunicações para mudar a política econômica. Felizmente, o convite foi anterior a tudo isso; desgraciadamente, porém, o almoço deu-se em meio à crise — e a fisionomia amargurada do ministro da Fazenda constratou, em todas as fotografias (não se culpe a imprensa!), com o sorriso generoso do general Leônidas.

Que se pode deduzir dessas escaramuças em que todos envolvem o ministro da Fazenda? Que a política econômico-financeira está sendo feita ao sabor dos mais fortes *politicamente* (admitindo que o peso político do general Leônidas seja igual ao do ministro da Saúde, como disse certa vez o senador José Richa). O ministro do Desenvolvimento Urbano concedeu empréstimos aos funcionários da Caixa Econômica Federal para compensar as dificuldades financeiras que estão atravessando; o ministro das Minas e Energia mandou pagar as URPs de abril e maio e só depois recorrer da sentença que o compeliu a assim agir; o ministro Antônio Carlos Magalhães, contrariando decisão de conselho interministerial, deu aumento que fará explodir a política do sr. Mafson da Nóbrega. O general Leônidas não faria tal coisa — se mandasse elevar o soldo da tropa, estaria dando um golpe de

Estado. Preferiu oferecer almoço durante o qual, com toda a certeza, fez-se sentir com tato e diplomacia ao ministro da Fazenda que a Intendência enfrenta problemas de difícil solução.

São os fortes que fazem a política econômica, aqueles de cujo concurso o presidente José Sarney não se pode privar sob pena de não ter mais com quem contar no Congresso ou fora dele. O brigadeiro Camarinha pôde fazer o que fez porque não tinha tropa — mas, ao protestar, deixou exemplo que talvez não tenha sido do agrado de colegas seus. Daí a palestra de Mafson da Nóbrega no Forte Apache somar-se à pressão dos outros ministros civis sobre ele. Afinal, é preciso dar solução às questões da Intendência em todos os ministérios, mesmo sabendo que qualquer medida para conter a inflação leva mais de seis meses para produzir efeitos, enquanto qualquer descuido no combate ao monstro logo faz subir os preços.

Num regime de fato democrático, esse tipo de ações e sugestões não faria sentido e o Congresso imediatamente sentiria que alguém estava exorbitando de suas funções ministeriais. Haveria protestos. O Congresso brasileiro, infelizmente, como disse o senador Roberto Campos, não tem como protestar, depois que se conhece a relação funcionário/congressista e se sabe que o Senado vai construir mais um anexo dispendioso e supérfluo. Se o Congresso não protesta e na prática de cada dia prevalece a figura do "direito adquirido" — que garante os cidadãos contra os abusos do Poder, e a burocracia das providências destinadas a salvar o Estado e o Brasil —, não há por que esperar que o sr. Mafson da Nóbrega venha a ter destino diverso daqueles que o antecederam. É que a origem do mal está no Palácio do Planalto, na assessoria do chefe do governo em primeiro lugar, na ambição do presidente, ao estilo de Macbeth depois. Não adianta o ministro da Fazenda jurar que não há outro caminho para combater a inflação senão o sacrifício. Os fortes falam mais alto e não precisam jurar. Emitem notas à imprensa, ou tiram fotografias depois do almoço...